

# o sacrifício da rainha

laurie r. king

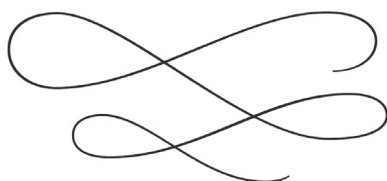
Tradução de Jorge Candeias



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

PARA OUTRA M. R.,  
A MINHA MÃE,  
MARY RICHARDSON

## PREFÁCIO DA EDITORA



A primeira coisa que eu quero que o leitor saiba é que não tive nada que ver com este livro que tem na mão. Sim, eu escrevo romances policiais, mas até a imaginação febril de uma romancista tem os seus limites, e a minha atingiria esses limites muito antes de inventar a rebuscada ideia de Sherlock Holmes arranjar uma assistente de quinze anos, irreverente, meio americana e feminista. Quer dizer, francamente: se até Conan Doyle ansiava por empurrar Holmes de um grande penhasco abaixo, decerto que uma jovem de óbvia inteligência teria rachado a cabeça ao detetive à primeira vista.

No entanto, isso não explica como esta história foi publicada.

Começou há vários anos, quando a funcionária da UPS arremeteu pelo caminho de entrada adiante e, perante alguma surpresa de minha parte, se pôs a descarregar não a encomenda de sementes de legumes de que eu estava à espera mas uma caixa de cartão muito grande e muito bem fechada que deve ter levado as restrições de peso da UPS ao limite, porque ela teve de usar o carrinho de transporte para manobrar a coisa até ao meu alpendre. Depois de a interrogar em vão e de verificar cuidadosamente que o endereço na caixa era realmente o meu, assinei a fatura e fui buscar uma faca de cozinha para cortar a fita-cola. Acabei por cortar consideravelmente mais do que a fita-cola e quando acabei de desfazer o cartão estava enterrada até aos tornozelos nos restos da caixa; aquela faca nunca mais foi a mesma.

Lá dentro estava um baú, um grande, antiquado e muito maltratado baú de viagem de metal, cheio de etiquetas de hotéis conhecidos e improváveis. (Poderá haver um Ritz em Ibadan?) Alguém tinha atenciosamente

colado a chave ao cadeado com um bocado de fita-cola, pelo que removi a fita e girei a chave, sentindo-me um pouco como a Alice perante uma garrafa de «bebe-me». Quando fitei a confusão do conteúdo, a minha curiosidade começou a ganhar aspetos alarmantes. Recolhi rapidamente a mão e afastei-me do baú, enquanto ideias sobre loucos e assediadores me saltavam da mente como manchetes de jornal. Desci a escada e contornei a casa, completamente decidida a chamar a polícia, mas, quando entrei pela porta das traseiras, parei para arranjar primeiro uma chávena de café, e quando o café ficou feito atravessei a casa para observar cuidadosamente pela janela o metal amolgado e o deslumbrante veludo roxo que havia por dentro, e vi que um dos gatos se tinha enroscado em cima do veludo. Ora, eu não sei dizer por que motivo um gato adormecido haveria de fazer com que medos sobre mecanismos explosivos se desvanecessem tão depressa, mas fez, e depressa me vi de joelhos, a acotovelar o gato para fora do baú a fim de examinar o conteúdo.

Era muito estranho. Não cada objeto em si mesmo, mas a coleção, sem rima nem razão: algumas peças de vestuário, incluindo uma capa de noite em veludo com missangas (com um corte perto da bainha), um banal e indigno roupão de banho ou de quarto, de homem, e um deslumbrante e diáfano manto de Caxemira, de lã e seda com bordados; uma lupa rachada; dois bocados de vidro tingido que só poderiam ser um par de lentes de contacto peculiarmente grossas e terrivelmente desconfortáveis; um bocado de tecido que um amigo identificou mais tarde como um turbante desenrolado; um magnífico colar de esmeralda, um objeto pesado de ouro e brilho que usei à volta do pescoço, como a riqueza personificada, até que o tirei e o levei para dentro, para o enfiar debaixo da almofada; um alfinete de esmeralda de homem; uma caixa de fósforos vazia; um pauzinho oriental de marfim entalhado; um daqueles livros com os horários dos comboios ingleses, chamados «ABC», do ano de 1923; três pedras estranhas; um grosso parafuso de duas polegadas colado à respetiva porca pela ferrugem; uma pequena caixa de madeira, ornamentada com entalhes e embutidos em forma de palmeiras e animais da selva; um Novo Testamento do Rei Jaime, estreito, com folha de ouro e letras vermelhas, encadernado em couro branco e que se tornara mole com o uso; um monóculo com uma fita de seda preta; uma caixa de recortes de jornais, alguns dos quais pareciam referir-se a crimes cometidos; um conjunto de outras bugigangas que tinham sido enfiadas à volta das paredes do baú.

E, mesmo no fundo, uma camada do que veio a revelar-se serem

manuscritos, ainda que só um deles estivesse imediatamente reconhecível como tal, sendo os outros de almanco de tamanho imperial, cobertos de cima a baixo com uma letra minúscula e difícil, ou a mesma letra, numa pilha difícil de manejar de papel de rascunho em vários tamanhos. Cada manuscrito estava atado com uma estreita fita roxa e selado com cera estampada com um *R*.

Durante o par de semanas seguintes fui lendo aqueles manuscritos, sempre à espera de encontrar a resposta para o enigma de quem mos tinha enviado, à espera de que ela saltasse de repente como um boneco de molas sob a forma escrita, mas não encontrei nada... isto é, nada além das histórias, que li com partes iguais de prazer e esforço ocular.

Tentei encontrar o remetente através da UPS, mas tudo o que o funcionário da agência de Nova Iorque onde a encomenda tinha tido origem me pôde dizer foi que tinha sido trazida por um jovem que pagara em dinheiro vivo.

Então, com considerável perplexidade, guardei a capa, o roupão e os manuscritos e enfiei o baú no meu roupeiro. (Quanto às esmeraldas, pu-las num cofre no banco.)

E aí ficou, um mês após outro, durante alguns anos, até que, num dia sombrio que se seguiu a uma série demasiado longa de dias sombrios em que nada aceitava crescer sob a minha caneta e as pressões financeiras espreitavam, me lembrei, com um sobressalto de inveja, da segurança fácil da voz vinda dos manuscritos que estavam no fundo do meu roupeiro.

Dirigi-me ao baú e desenterrei uma das pilhas de papel, levei-a para o meu escritório para voltar a lê-la, e depois, motivada tanto por desespero como pelo telhado que estava a gotejar em volta das minhas orelhas, pus-me a reescrevê-la. Envergonhada, enviei-a à minha editora, mas quando ela me telefonou alguns dias mais tarde com o suave comentário de que aquilo não se lia como as minhas outras coisas, eu quebrei e confessei, disse-lhe para mo enviar de volta e voltei a fitar uma página em branco.

No dia seguinte ela voltou a ligar, disse que tinha consultado o advogado da firma, que realmente gostava da história, embora quisesse ver o original, e que gostaria de a publicar se eu estivesse disposta a assinar uma montanha de declarações para o caso de a verdadeira autora aparecer.

A batalha entre o orgulho e as reparações no telhado acabou antes de começar. No entanto, eu tenho alguma autoestima e ainda considerava as narrativas que estavam em minha posse, como disse, rebuscadas.

Não sei quanta verdade existe nelas. Nem sequer sei se foram escritas

como ficção ou facto, embora não consiga livrar-me da sensação de que a ideia era serem factuais, por mais absurdo que isso possa ser. Contudo, vendê-las (com isenção de responsabilidade) é preferível a vender aquele maravilhoso colar que provavelmente nunca usarei, e decerto que, se é aceitável vender um, vender o outro também o será.

O que se segue é o primeiro desses manuscritos, sem adornos e como a escritora o deixou (e, supostamente, mo enviou). Só corrigi a sua atroz ortografia e decifrei um conjunto de estranhas notações estenográficas individuais. Pessoalmente, não sei o que pensar dele. Só posso esperar que com a publicação daquilo a que a autora chamou *Da Segregação da Rainha* (que título desajeitado — é claro que ela não era nenhuma romancista) apareçam não processos em tribunal mas algumas respostas. Se alguém por aí souber quem foi Mary Russell poderá informar-me? A curiosidade está a matar-me.

— LAURIE R. KING

EM RESULTADO DE UM ESFORÇO, QUE NÃO FOI PEQUENO, EFETUADO NO MATERIAL reservado da biblioteca da Universidade da Califórnia, identifiquei as citações com que a autora prefaciou os capítulos. Vêm de um tratado filosófico sobre apicultura publicado em 1901, intitulado *The Life of the Bee*, da autoria de Maurice Maeterlinck.

## PRELÚDIO:

# NOTA DA AUTORA

*Para este lugar retirara-se uma espécie de filósofo idoso...  
Aqui construíra ele o seu refúgio, um pouco  
fatigado de homens interrogadores...*



CARO LEITOR,

Aproximando-se tanto o século como eu do início das respetivas nonas décadas, fui forçada a admitir que a idade nem sempre é um estado desejável. O físico, claro, contribui com o seu próprio sabor para a vida, mas o problema mais incómodo que descobri é que o meu passado, intensamente real para mim, começou a desvanecer-se, aos olhos dos que me rodeiam, nas brumas da história. A Primeira Guerra Mundial deteriorou-se numa mancha de canções pitorescas e imagens sépia, ocasionalmente poderosas mas incomensuravelmente distantes; há morte nessa guerra, mas não há sangue. Os anos vinte transformaram-se numa caricatura, a roupa que usávamos está agora em museus, e aqueles de nós que se lembram dos inícios deste maldito século estão a começar a fraquejar. Conosco desaparecerão as nossas memórias.

Não me lembro de quando me apercebi pela primeira vez de que o Sherlock Holmes de carne e osso que tão bem conheci era para o resto do mundo um mero produto da poderosa imaginação de um médico desempregado. Lembro-me, sim, é de como essa constatação me roubou o fôlego, e de como durante vários dias a minha consciência de mim mesma ficou ligeiramente desconectada, ténue, como se também eu estivesse no processo de me transmutar em ficção, por contágio de Holmes. O meu sentido de humor forneceu o beliscão que me despertou, mas a sensação foi muito peculiar enquanto durou.

Agora, o processo completou-se: as histórias de Watson, essas débeis

evocações da envolvente personalidade que ambos conhecemos, tomaram vida própria, e a criatura viva de Sherlock Holmes tornou-se etérea, onírica. Ficcional.

É divertido, à sua maneira. E agora, homens e mulheres andam a escrever verdadeiros romances sobre Holmes, agarrando nele e enfiando-o em situações bizarras, pondo na sua boca palavras impossíveis e obscurecendo ainda mais a lenda.

Enfim, nem sequer me surpreenderia se descobrisse as minhas próprias memórias classificadas como ficção e me visse relegada para a terra dos chalupas. Essa é que seria uma deliciosa ironia.

Apesar disso, tenho de asseverar que as páginas seguintes contam os dias e anos iniciais da minha associação, na vida real, com Sherlock Holmes. Para o leitor que depare com a minha história sem nenhum conhecimento prévio dos hábitos e personalidade do homem, poderá haver algumas referências que passem despercebidas. Na outra extremidade do espectro encontram-se os leitores que gravaram na memória secções inteiras do *corpus* (uma palavra particularmente apropriada aqui) de Conan Doyle. Esses leitores podem encontrar pontos em que o meu relato difere das palavras do biógrafo anterior de Holmes, o Dr. Watson, e é provável que se ofendam com a minha apresentação do homem como alguém completamente diferente do «verdadeiro» Holmes dos escritos de Watson.

A estes últimos só posso dizer que têm toda a razão: o Holmes que eu conheci era realmente um homem diferente do detetive do 221B de Baker Street. Estava supostamente reformado há década e meia e já estava bem entrado na meia-idade. No entanto, o que mudara era mais do que isto: o mundo era um lugar diferente do de Victoria Regina. Os automóveis e a eletricidade iam substituindo os carros *Hansom* e os candeeiros a gás, o telefone ia enfiando o seu importuno «ser» nas vidas até das pessoas das aldeias, e os horrores da guerra nas trincheiras estavam a começar a corroer a própria estrutura da nação.

Julgo, no entanto, que, mesmo se o mundo não tivesse mudado e mesmo se eu tivesse conhecido Holmes em jovem, os retratos que dele faria continuariam a ser notavelmente diferentes dos pintados pelo bom Dr. Watson. Watson sempre olhou o amigo Holmes de uma posição de inferioridade, e a sua perspetiva sempre foi moldada por isso. Não me entendam mal — eu acabei por ganhar um afeto considerável pelo Dr. Watson. Contudo, ele nascera um inocente, levemente lento a ver o óbvio (para o expressar com gentileza), ainda que acabasse por possuir uma sabedoria e



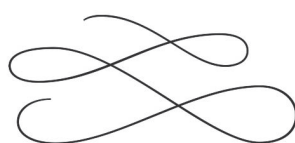
humanidade não desprezíveis. Eu, por outro lado, vim ao mundo a lutar, já era capaz de manipular a minha ama escocesa de cara de pedra ainda mal tinha três anos e, quando cheguei à puberdade, já tinha perdido qualquer inocência e sabedoria que pudesse ter tido em tempos.

Levei muito tempo a voltar a encontrá-las.

Eu e Holmes fomos compatíveis desde o início. Ele agigantava-se acima de mim em experiência, mas as suas capacidades de observação e análise nunca me assombraram como acontecia com Watson. Os meus olhos e mente funcionavam precisamente da mesma forma dos dele. Era território conhecido.

Portanto, sim, admito sem problemas que o meu Holmes não é o Holmes de Watson. Para prosseguir com a analogia, a minha perspetiva, a minha técnica com o pincel, o meu uso de cor e sombra, são todos inteiramente diferentes dos dele. O assunto é essencialmente o mesmo; são os olhos e as mãos do artista que mudam.

— M. R. H.



LIVRO PRIMEIRO – 10 DIAS

# APRENDIZADO



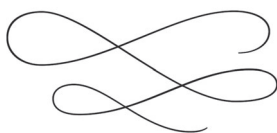
A APRENDIZA DE APICULTOR



UM

## DUAS FIGURAS MALTRAPILHAS

*A descoberta de um sinal de verdadeiro intelecto no exterior de nós traz-nos um pouco da emoção que Robinson Crusoe sentiu quando viu a pegada de um pé humano na praia arenosa da sua ilha.*



**T**inha quinze anos quando conheci Sherlock Holmes; tinha quinze anos de idade e o nariz enfiado num livro enquanto caminhava pelos Sussex Downs e quase que o pisei. Em minha defesa devo dizer que o livro era envolvente, e que era muito raro eu deparar com outra pessoa naquela parte específica do mundo no ano de guerra de 1915. Durante as minhas sete semanas de peripatética leitura entre as ovelhas (as quais tendiam a afastar-se do meu caminho) e as tojeiras (relativamente a cujas posições eu desenvolvera dolorosamente uma consciência instintiva), nunca até aí tinha deparado com ninguém.

Era um dia frio e soalheiro do início de abril e o livro era de Virgílio. Eu tinha saído da quinta silenciosa ao nascer da alvorada, escolhera uma direção diferente da que seguia normalmente — neste caso para sueste, em direção ao mar — e passara desde então as horas a lutar com os verbos latinos, saltando inconscientemente muros de pedra e contornando sebes sem pensar, e provavelmente não teria reparado no mar até cair nele do topo de uma das falésias calcárias.

O que aconteceu foi ter tomado consciência de que havia outra alma no universo quando uma garganta masculina se limpou ruidosamente a pouco mais de um metro de mim. O texto latino voou pelo ar, depressa seguido por uma praga anglo-saxã. Com o coração aos saltos, reuni à pressa toda a dignidade que consegui encontrar e fuzilei através dos óculos a figura acorçada junto aos meus pés: um homem muito magro e a tornar-se

grisalho, com cinquenta e tal anos e um boné de tecido, um sobretudo antigo de *tweed* e uns sapatos decentes, tendo uma surrada mochila do exército pousada no chão a seu lado. Talvez um mendigo que tivesse deixado o resto das suas posses escondidas debaixo de um arbusto. Ou um Excêntrico. Certamente não era nenhum pastor.

Ele não disse nada. Muito sarcasticamente. Eu peguei no meu livro e sacudi-o.

— O que diabo está a fazer? — quis eu saber. — Escondido à espreita de alguém?

Ele ergueu uma sobrancelha ao ouvir aquilo, sorriu de uma forma particularmente condescendente e irritante e abriu a boca para falar naquele sotaque preciso que é a imagem de marca do demasiado educado cavalheiro inglês de classe alta. Uma voz aguda; uma voz cortante: decididamente, um Excêntrico.

— Julgo que dificilmente posso ser acusado de estar «escondido» seja onde for — disse ele —, visto estar abertamente sentado na vertente vazia de uma colina, sem incomodar ninguém. Isto é, até ser obrigado a afastar aqueles que pretendem esmagar-me debaixo dos pés. — E fez rolar o último *r* para me pôr no meu lugar.

Tivesse ele dito quase qualquer outra coisa, ou até as mesmas palavras de outra maneira, eu teria provavelmente feito um mero e brusco pedido de desculpa e uma saída determinada, e a minha vida teria sido uma coisa muito diferente. Contudo, e de forma completamente inconsciente, ele atingira em cheio um ponto altamente sensível. A minha razão para abandonar a casa à primeira luz da aurora fora evitar a minha tia, e a razão (a mais recente de muitas razões) para desejar evitar a minha tia fora a violenta discussão que tínhamos tido na noite anterior, uma discussão desencadeada pelo facto incontestável de os meus pés terem crescido para fora dos sapatos pela segunda vez desde a minha chegada, três meses antes. A minha tia era pequena, arrumada, rabugenta, cáustica, arguta e orgulhosa das suas mãos e pés delicados. Fazia-me invariavelmente sentir desastrada, tosca e exageradamente suscetível com a minha altura e com o tamanho de pés que lhe correspondia. Pior, na discussão sobre finanças que se seguira, ela vencera.

As palavras inocentes do homem e os seus modos, que de inocentes nada tinham, atingiram o meu fervilhante mau génio como um esguicho de gasolina. Os meus ombros saltaram para trás, o meu queixo para cima e pus-me hirta, pronta para o combate. Não fazia ideia de onde estava, ou de

quem aquele homem era, se estava nas terras dele ou ele nas minhas, se ele era um lunático perigoso ou um condenado em fuga, ou o senhor do solar, e não queria saber. Estava furiosa.

— Não respondeu à minha pergunta, senhor — disse eu por entre dentes cerrados.

Ele ignorou a minha fúria. Pior do que isso, pareceu nem tomar consciência dela. Pareceu apenas aborrecido, como se desejasse que eu me fosse embora.

— Refere-se ao que estou a fazer aqui?

— Exatamente.

— Estou a observar abelhas — disse ele categoricamente, e voltou à sua contemplação da vertente da colina.

Nada no comportamento do homem mostrava uma loucura que correspondesse às suas palavras. Apesar disso, mantive nele um olho desconfiado enquanto enfiava o livro no bolso do casaco, me deixava cair no chão — a uma distância segura dele — e me punha a estudar o movimento nas flores à minha frente.

De facto havia abelhas, industriosamente a trabalhar para enfiar pólen naqueles sacos que têm nas patas, deslocando-se de flor em flor. Observei-as e estava precisamente a pensar que nada havia de particularmente digno de nota naquelas abelhas quando a chegada de um espécime marcado de uma forma peculiar me chamou a atenção. Parecia uma abelha melífera vulgar, mas tinha uma pequena mancha vermelha no dorso. Que estranho — talvez fosse isso o que ele estivera a observar? Deitei uma olhadela ao Excêntrico, o qual estava agora a fitar atentamente o espaço, e depois olhei com mais atenção para as abelhas, interessada, ainda que a contragosto. Depressa concluí que a mancha não era nenhum fenómeno natural, mas tinta, pois ali estava outra abelha, com a sua mancha ligeiramente distorcida, e outra, e depois outra coisa estranha: uma abelha que também tinha uma mancha azul. Enquanto eu observava, duas manchas vermelhas partiram a voar para noroeste. Observei cuidadosamente a mancha azul e vermelha enquanto ela enchia as bolsas e vi-a levantar voo para nordeste.

Pensei por um minuto, levantei-me e caminhei até ao topo da colina, dispersando ovelhas e cordeiros, e quando baixei o olhar para uma aldeia e um rio soube instantaneamente onde estava. A minha casa ficava a menos de três quilómetros dali. Abanei tristemente a cabeça à minha falta de atenção, pensei um momento mais sobre aquele homem e as suas abelhas

manchadas de vermelho e azul e voltei a descer para me despedir dele. Ele não ergueu o olhar, pelo que falei para a sua nuca.

— Eu diria que as manchas azuis são uma aposta melhor, se está a tentar arranjar outra colmeia — disse-lhe. — Aquelas que só marcou com vermelho vêm provavelmente do pomar do Senhor Warner. As manchas azuis vêm de mais longe, mas são quase de certeza selvagens. — Desenterrei o livro do bolso e, quando ergui o olhar para lhe desejar um bom dia, ele estava a observar-me, e a expressão na sua cara tirou-me dos lábios todas as palavras... um feito considerável. O homem estava, como os escritores dizem mas as pessoas só raramente ficam mesmo, de boca aberta. De facto, parecia-se um pouco com um peixe, olhando-me de boca aberta como se me estivesse a nascer outra cabeça. Levantou-se devagar, com a boca a fechar-se enquanto se erguia, mas ainda sem desviar os olhos de mim.

— O que *foi* que disse?

— Peço desculpa, é duro de ouvido? — Levantei um pouco a voz e falei devagar. — Eu disse que se quer uma nova colmeia terá de seguir as manchas azuis, porque as vermelhas são de certeza do Tom Warner.

— Não sou duro de ouvido, embora esteja com a credulidade no fio. Como foi que soube dos meus interesses?

— Julgava que era óbvio — disse eu com impaciência, embora já naquela idade estivesse ciente de que coisas daquelas não eram óbvias para a maioria das pessoas. — Vejo tinta no seu lenço e sinais dela nos dedos, de onde a lavou. A única razão que consigo arranjar para se marcar abelhas é segui-las até à colmeia. O senhor ou está interessado em colher mel ou nas próprias abelhas, e não estamos na época da colheita de mel. Há três meses tivemos uma onda de frio fora do comum que matou muitas colmeias. Por conseguinte, parto do princípio de que está a seguir estas abelhas para se reabastecer.

A cara que baixava os olhos para mim já não parecia um peixe. De facto, assemelhava-se espantosamente a uma águia em cativeiro que eu tinha visto em tempos, empoleirada num esplendor altivo, baixando o olhar ao longo da cana do nariz para aquela criatura menor, com um frio desdém a saltar dos seus olhos papudos e cinzentos.

— Meu Deus — disse ele, numa voz de espanto fingido —, a coisinha pensa.

A minha fúria tinha-se reduzido um pouco enquanto observava as abelhas, mas, perante aquele insulto indiferente, explodiu. Porque estava aquele velho alto, magro e exasperante tão decidido a provocar uma

desconhecida inofensiva? O meu queixo voltou a erguer-se, só em parte, porque ele era mais alto do que eu, e devolvi-lhe a troça.

— Meu Deus, a coisinha consegue reconhecer outro ser humano quando lhe dão com um na cabeça. — Para compor o ramalhete, acrescentei: — E pensar que fui criada para acreditar que os velhos tinham maneiras decentes.

Afastei-me para ver os meus golpes atingirem o alvo e, enquanto o encarava de frente, o meu olho mental ligou-o por fim a boatos que tinha ouvido e a leituras que tinha feito durante a minha recente e longa convalescença, e compreendi quem ele era e fiquei chocada.

Devo mencionar que sempre tinha partido do princípio de que uma grande parte das histórias adulatórias do Dr. Watson era produto da imaginação inferior desse cavalheiro. Decerto que sempre vira o leitor como alguém tão lento como ele próprio. Muito irritante. Apesar disso, por trás do material e das tolices do biógrafo erguia-se uma figura de puro génio, uma das grandes mentes da sua geração. Uma Lenda.

E fiquei horrorizada. Aqui estava eu, perante uma Lenda, a atirar-lhe insultos, a latir à volta dos seus tornozelos como um cãozinho pequeno a atormentar um urso. Reprimi um encolhimento e preparei-me para a palmada indiferente que me faria voar.

Porém, perante o meu espanto e considerável consternação, em vez de contra-atacar, ele limitou-se a sorrir de forma condescendente e dobrou-se para apanhar a mochila. Ouvi o ténue tinir de frascos de tinta lá dentro. Endireitou-se, voltou a pôr o barrete antiquado no cabelo grisalho e olhou para mim com olhos cansados.

— Meu jovem, eu...

— «*Meu jovem*»! — Era de mais. Uma vaga de raiva penetrou-me as veias, enchendo-me de poder. Tudo bem que eu estava longe de ser voluptuosa, tudo bem que estava vestida com roupa prática, ou seja, masculina... mas aquilo não era tolerável. Pondo o medo de parte, pondo a Lenda de parte, o cãozinho de colo ladrador atacou com o absoluto desprezo que só uma adolescente consegue dominar. Com uma onda de alegria, agarrei na arma que ele me colocara nas mãos e recuei para o golpe de misericórdia. — «Meu jovem»? — repeti. — Ainda bem que o senhor se reformou, se isso é tudo o que resta da mente do grande detetive! — E com aquilo levei a mão à pala do boné demasiado grande que trazia e as minhas longas tranças louras deslizaram-me para cima dos ombros.

Uma série de emoções cruzou-lhe o rosto, uma rica recompensa para a minha vitória. A simples surpresa foi seguida por uma tristonha aceitação

de derrota e depois, quando ele passou em revista toda a discussão, surpreendeu-me. A sua cara descontraiu-se, os lábios finos torceram-se, os olhos cinzentos encheram-se de rugas inesperadas, e por fim atirou a cabeça para trás e soltou uma grande gargalhada deliciada. Foi essa a primeira vez que ouvi Sherlock Holmes rir e, embora estivesse muito longe de ser a última, nunca deixou de me surpreender ver aquela cara orgulhosa e ascética dissolver-se em irreprimíveis gargalhadas. O seu divertimento era sempre pelo menos parcialmente à sua conta, e aquela vez não foi exceção. Fiquei totalmente desarmada.

Ele limpou os olhos com o lenço que eu tinha visto a espreitar do bolso do casaco; uma ligeira mancha de tinta azul foi transferida para a base da cana do seu nariz anguloso. Depois olhou para mim, vendo-me pela primeira vez. Passado um minuto indicou as flores com um gesto.

— Então sabe alguma coisa sobre abelhas?

— Muito pouco — admiti.

— Mas elas interessam-na? — sugeriu.

— Não.

Desta vez, ambas as sobrancelhas se ergueram.

— E, por obséquio, qual o motivo de uma opinião tão firme?

— Tanto quanto sei sobre elas, são criaturas sem mente, pouco mais do que uma ferramenta para se pôr fruta em árvores. As fêmeas fazem todo o trabalho; os machos fazem... bem, pouco fazem. E a rainha, a única que podia ter algum significado, está condenada, para o bem da colmeia, a passar os seus dias como uma máquina de pôr ovos. E — disse, deixando que o tema me entusiasmasse — o que acontece quando aparece uma sua igual, outra rainha com a qual poderia ter alguma coisa em comum? São ambas forçadas (para bem da colmeia) a lutar até à morte. As abelhas são grandes trabalhadoras, é certo, mas não será verdade que a produção da vida inteira de cada abelha soma uma única colher de chá de mel? Cada colmeia aguenta que lhe sejam roubadas regularmente centenas de milhares de horas-abelha, para serem barradas em tostas e esculpidas em velas, em vez de declarar guerra ou entrar em greve, como faria qualquer raça sensata que se prezasse. São um pouco semelhantes em demasia à raça humana para o meu gosto.

O Sr. Holmes pusera-se de cócoras durante a minha tirada, observando uma mancha azul. Quando terminei ele não disse nada, mas estendeu um dedo longo e magro e tocou suavemente o corpo felpudo, sem o perturbar nem um pouco. Houve silêncio durante vários minutos até a abelha carregada voar para longe — para nordeste, na direção do bosque a três



quilómetros de distância. Eu tinha a certeza. Ele ficou a vê-la desaparecer e murmurou quase de si para si:

— Sim, elas são muito parecidas com o *Homo sapiens*. Talvez seja por isso que me interessam tanto.

— Não sei quão sábios o senhor acha a maioria dos *Homines*, mas pessoalmente acho essa classificação um nome inapropriado e otimista. — Agora estava em terreno familiar, o da mente e das opiniões, um terreno querido por onde não caminhava há muitos meses. Que algumas das opiniões fossem as de uma adolescente insuportável não as tornava menos confortáveis ou fáceis de defender. Para meu prazer, ele respondeu.

— O *Homo*, em geral, ou simplesmente o *vir*? — perguntou, com uma seriedade que me levou a suspeitar de que se estava a rir de mim. Bem, pelo menos eu ensinara-o a ser subtil.

— Oh, não. Eu sou feminista, mas não odeio homens. Uma misantropa em geral, suponho que como o senhor. No entanto, ao contrário de si, considero que as mulheres são, marginalmente, a metade mais racional da raça.

Ele voltou a rir, uma versão mais suave da explosão anterior, e eu apercebi-me de que desta vez estivera a tentar provocar esse riso.

— Minha menina — ele salientou a segunda palavra com uma ironia gentil —, causou-me divertimento duas vezes num só dia, o que é mais do que qualquer outra pessoa conseguiu fazer desde há algum tempo. Tenho pouco humor a oferecer em troca, mas se quiser acompanhar-me até casa podia pelo menos dar-lhe uma chávena de chá.

— Ficaria muito contente por o fazer, Senhor Holmes.

— Ah, tem vantagem sobre mim. É óbvio que conhece o meu nome, mas não está aqui presente ninguém a quem eu possa pedir que ma apresente. — A formalidade do seu discurso era vagamente ridícula, tendo em conta que éramos duas figuras maltrapilhas à frente uma da outra na vertente de uma colina que, além de nós, estava deserta.

— O meu nome é Mary Russell. — Estendi a mão, que ele tomou na sua, magra e seca. O passou-bem foi como se estivéssemos a cimentar um pacto de paz, e suponho que era isso o que estávamos a fazer.

— Mary — disse ele, saboreando o nome. Pronunciava-o à maneira irlandesa, acariciando com a boca uma primeira sílaba longa. — Um nome adequadamente ortodoxo para um indivíduo tão passivo como a menina.

— Creio que fui batizada em honra da Madalena e não da Virgem.

— Ah, então isso explica tudo. Vamos, Menina Russell? A minha governanta deve ter qualquer coisa para pôr à nossa frente.

Aquele foi um passeio agradável, uns seis quilómetros ao longo dos *downs*. Abordámos uma variedade de temas levemente ligados ao tópico comum da apicultura. Ele gesticulou vivamente no topo de um outeiro enquanto comparava a gestão das colmeias com teorias maquiavélicas de governo, e as vacas fugiram a bufar. Ele fez uma pausa a meio de um ribeiro para ilustrar a sua teoria que sobrepunha o enxameamento das colmeias com as raízes económicas da guerra, usando os exemplos da invasão alemã da França e o patriotismo visceral dos ingleses. As nossas botas chapinharam ao longo do quilómetro seguinte. Ele chegou ao cume da peroração no topo de uma colina e lançou-se pelo outro lado abaixo a uma tal velocidade que se assemelhou a uma grande coisa com asas a bater, pronta a levantar voo.

Parou para olhar em volta à minha procura, apercebeu-se do meu passo rígido e da minha incapacidade para me manter a par dele, tanto literal como metaforicamente, e passou a um modo menos maníaco. Parecia ter uma boa base prática para os seus voos de imaginação e, segundo vim a saber, chegara mesmo a escrever um livro sobre as artes apiárias intitulado *Um Manual Prático da Cultura de Abelhas*. Fora bem recebido, segundo disse com orgulho (isto vindo de um homem que, como me lembrava, tinha declinado respeitosamente um título de cavaleiro atribuído pela falecida rainha), em especial a sua colocação experimental mas altamente bem-sucedida, dentro da colmeia, daquilo a que chamava os Aposentos Reais, a qual dera ao livro o seu subtítulo provocador: *Com Algumas Observações sobre a Segregação da Rainha*.

E caminhámos e ele falou e sob o sol e o seu monólogo calmante, ainda que ocasionalmente incompreensível, eu comecei a sentir algo de duro e tenso dentro de mim descontrair-se ligeiramente, e uma vontade que julgara morta a começar a fazer os primeiros movimentos hesitantes rumo à vida. Quando chegámos à casa de campo dele, já nos conhecíamos desde sempre.

Outros movimentos mais imediatos tinham começado também a impor-se, com crescente insistência. Em meses recentes eu ensinara-me a ignorar a fome, mas uma pessoa jovem e saudável, depois de um longo dia passado ao ar livre só com uma sanduíche desde manhã, é provável que ache difícil concentrar-se em qualquer outra coisa que não a ideia de comida. Rezei para a chávena de chá ser substancial e estava a refletir no problema de como sugerir algo assim caso não me fosse imediatamente oferecido, quando chegámos a casa dele, a governanta apareceu em pessoa à porta e,

por um momento, esqueci a minha preocupação. Era nem mais nem menos do que a muito sofredora Sra. Hudson, que eu há muito considerava a personagem mais subvalorizada em todas as histórias do Dr. Watson. Mais um exemplo da obtusidade do homem, esta incapacidade de reconhecer uma pedra preciosa a menos que esteja incrustada em ouro espalhafatoso.

A querida Sra. Hudson, que viria a tornar-se tão minha amiga. Naquele primeiro encontro, ela mostrou-se, como sempre, imperturbável. Viu num instante o que o patrão não vira, que eu estava desesperadamente esfomeada, e tratou de esvaziar as despensas para alimentar um vigoroso apetite. O Sr. Holmes protestou quando ela apareceu com pratos e bandejas de pão, queijos, pickles e bolos, mas observou-me, pensativo, a fazer grande moosa em todas as vitualhas. Senti-me grata por ele não me envergonhar com comentários sobre o meu apetite, como a minha tia costumava fazer, mas, pelo contrário, fazer um esforço para manter a aparência de comer comigo. Quando me recostei com a terceira chávena de chá, a mulher interior satisfeita como não estava há muitas semanas, os modos dele foram respeitosos e os da Sra. Hudson satisfeitos enquanto levava os destroços.

— Agradeço-lhe imenso, minha senhora — disse-lhe eu.

— Cá eu gosto de ver os meus cozinhados valorizados — disse ela, sem olhar para o Sr. Holmes. — Raramente tenho ocasião para me atarefar, a menos que o Doutor Watson apareça. Este — inclinou a cabeça para o homem à minha frente, o qual tirara um cachimbo do bolso do casaco — não come o suficiente para impedir um gato de morrer à fome. Não me dá valor nenhum, ele.

— Ora, Senhora Hudson — protestou ele, mas gentilmente, como perante um velho argumento —, eu como tal como sempre comi; é a senhora que cozinha como se houvesse dez pessoas em casa.

— Um gato passaria fome — repetiu ela com firmeza. — Mas alegra-me ver que hoje comeu qualquer coisa. Se acabou, o Will quer falar consigo antes de se ir embora, qualquer coisa sobre a sebe do fundo.

— Não me importo nem um bocadinho com a sebe do fundo — queixou-se ele. — Pago-lhe bom dinheiro para se preocupar por mim com as sebes e as paredes e tudo o resto.

— Ele precisa de falar consigo — voltou ela a dizer. Reparei que a repetição firme parecia ser o seu método preferido para lidar com ele.

— Oh, raios! Por que diabo fui eu sair de Londres? Devia ter posto as minhas colmeias numa horta e ficado em Baker Street. Sirva-se das estantes, Menina Russell. Eu volto em poucos minutos. — Agarrou no tabaco e

nos fósforos e saiu a passos largos, a Sra. Hudson revirou os olhos e desapareceu na cozinha, e eu dei por mim sozinha na sala silenciosa.

A casa de Sherlock Holmes era uma típica casa de campo do Sussex, intemporal, com paredes de pederneira e telhado de telhas vermelhas. Aquela sala principal, no piso térreo, tinha sido outrora duas divisões, mas era agora um grande quadrado com uma enorme lareira de pedra numa extremidade, vigas escuras e altas, um piso de carvalho que dava lugar a lousa na porta da cozinha, e uma surpreendente vastidão de janelas do lado sul onde os *downs* iam ondulando até ao mar. Um sofá, dois cadeirões com orelhas e uma cadeira de vime reuniam-se em volta da lareira, uma mesa redonda e quatro cadeiras ocupavam a soalheira janela saliente do lado sul (onde eu estava sentada); e uma mesa de trabalho com grandes pilhas de papéis e objetos estava por baixo de uma janela de painéis losangulares com acabamento em chumbo aberta para oeste: uma sala com muitos fins. As paredes estavam cobertas de estantes e armários.

Naquele dia estava mais interessada no meu anfitrião do que nos seus livros e olhei curiosamente para os títulos (*Acidentes de Sangue do Bornéu* encontrava-se entre *O Pensamento de Goethe* e *Crimes de Paixão na Itália do Século XVIII*) com ele em mente e não com o olho em empréstimos. Fiz um circuito pela sala (sorri ao ver que ainda havia tabaco num chinelo persa junto da lareira; numa mesa, um pequeno caixote com LIMONES DE ESPAÑA impresso a *stencil* continha vários revólveres desmontados; noutra mesa estavam dispostos com grande precisão três relógios de bolso quase idênticos, com as correntes e os berloques estendidos em linhas paralelas, acompanhados por uma poderosa lupa, um conjunto de pinças e um papel e um bloco cobertos de números a um lado), antes de acabar à frente da mesa dele.

Não tive tempo para mais do que uma olhadela rápida à sua letra elegante antes de a voz me surpreender da porta.

— Vamos sentar-nos no terraço?

Pousei rapidamente a folha que tinha na mão, a qual parecia ser uma discussão de sete fórmulas para gesso e a sua eficácia relativa no registo de marcas de pneus em diversos tipos de terra, e concordei que o jardim seria agradável. Pegámos nas chávenas mas, quando atravessei a sala atrás dele na direção das portas francesas, a minha atenção foi atraída por um estranho objeto fixo na parede sul da sala: uma caixa alta, só com alguns centímetros de largura mas com quase um metro de altura e que se projetava uns bons quarenta e cinco centímetros para dentro da sala. Parecia ser um

bloco sólido de madeira, mas, ao parar para a examinar, consegui ver que ambos os lados eram painéis deslizantes.

— A minha colmeia de observação — disse o Sr. Holmes.

— Abelhas? — perguntei. — Dentro de casa?

Em vez de responder, ele estendeu a mão para além de mim e fez deslizar um dos painéis laterais, revelando aí uma colmeia perfeita, estreita e por detrás de um vidro. Acocorei-me à sua frente, fascinada. Os favos eram densos e regulares ao longo da secção intermédia, reduziam-se nas extremidades e estavam cobertos por uma espessa manta de laranja e negro. Tudo aquilo vibrava de energia, embora os indivíduos parecessem estar apenas a andar de um lado para o outro, sem propósito.

Observei com atenção, tentando captar algum sentido naqueles movimentos aparentemente sem objetivo. Um tubo levava ao exterior, ao fundo, por onde abelhas carregadas de pólen entravam e abelhas despojadas saíam; parti do princípio de que um tubo mais pequeno no topo, ofuscado por condensação, servia para ventilação.

— Vê a rainha? — perguntou o Sr. Holmes.

— Ela está aqui? Deixe-me ver se a consigo encontrar. — Sabia que a rainha era a maior abelha da colmeia e que, fosse para onde fosse, tinha uma comitiva de bajuladores, mas mesmo assim demorei um tempo vergonhoso a achá-la no meio das cerca de duzentas filhas e filhos. Acabei por encontrá-la e não consegui imaginar por que motivo não teria sido detetada instantaneamente. Com o dobro do tamanho das outras e imbuída de um desígnio estúpido e enfurecedor, parecia uma criatura de uma raça diferente das companheiras de colmeia. Fiz ao apicultor algumas perguntas — se elas tinham objeções à luz, se a população era ali tão estável como numa colmeia maior — e depois ele fez deslizar a cobertura por cima daquele quadro vivo e saímos para o exterior. Lembrei-me tardiamente de que não estava interessada em abelhas.

No exterior das portas francesas havia uma extensão de lajedo, abrigada do vento por uma marquise de vidro que brotava da parede da cozinha e por um velho muro de pedra com orla herbácea que se curvava em volta dos dois lados restantes. O terraço acumulava calor até pôr o ar a dançar e fiquei aliviada quando ele continuou a avançar para um grupo de cadeiras de madeira de aspeto confortável à sombra de uma enorme faia-de-folhas-púrpuras. Escolhi uma cadeira com vista para o Canal, acima das copas de um pequeno pomar que crescia num vale abaixo de nós. Havia colmeias limpas, dispostas entre as árvores, e abelhas a trabalhar nas

primeiras flores da orla. Um pássaro cantava. Duas vozes masculinas aproximaram-se e recuaram ao longo do outro lado do muro. Pratos tiniram com um som distante vindo da cozinha. Um pequeno barco de pesca apareceu no horizonte e foi gradualmente avançando na nossa direção.

De repente vim a mim, apercebendo-me de que estava a negligenciar as minhas responsabilidades conversacionais de convidada. Transferi o chá frio do braço da cadeira para a mesa e virei-me para o meu anfitrião.

— Isto é obra sua? — perguntei, indicando o jardim.

Ele fez um sorriso irónico, embora eu não tenha a certeza se foi devido à dúvida que a minha voz transportava ou ao impulso social que me levou a quebrar o silêncio.

— Não, é uma colaboração entre a Senhora Hudson e o velho Will Thompson, que era o jardineiro-chefe no solar. Eu interessei-me por jardinagem quando aqui cheguei, mas o meu trabalho tende a distrair-me durante dias a fio. Quando reaparecia, ia encontrar canteiros inteiros mortos pela seca ou enterrados em espinheiros. Mas a Senhora Hudson gosta disto e o jardim dá-lhe qualquer coisa para fazer além de me aborrecer para comer as suas mixórdias. Acho que este é um lugar agradável para me sentar a pensar. E também me alimenta as abelhas: a maior parte das flores foram escolhidas por causa da qualidade de mel que produzem.

— É um lugar muito agradável. Faz-me lembrar um jardim que tivemos quando eu era pequena.

— Fale-me de si, Menina Russell.

Comecei a dar-lhe a resposta obrigatória, primeiro a objeção e depois a autobiografia relutante e monótona, mas o ligeiro ar de educada desatenção nos modos dele deteve-me. Dei por mim a sorrir-lhe.

— Porque não me fala sobre mim, Senhor Holmes?

— A-ha, um desafio, há? — Houve um brilho de interesse nos olhos dele.

— Exatamente.

— Muito bem, com duas condições. Primeiro, que perdoe o meu velho e muito violentado cérebro caso se mostre lento e ranja, pois os padrões de pensamento de acordo com os quais vivi são um hábito e, sem uso contínuo, enferrujam. A vida quotidiana aqui com a Senhora Hudson e o Will é uma fraca pedra de amolar para uma inteligência afiada.

— Não acredito por inteiro que o seu cérebro tenha falta de uso, mas aceito a condição. E a outra?

— Que faça o mesmo comigo depois de eu acabar.

— Oh. Está bem. Tentarei, mesmo se me expuser ao seu ridículo. — Afinal de contas, talvez não tivesse escapado à lâmina da língua dele.

— Ótimo. — Esfregou as mãos magras e secas e de súbito fui fixada com o olho investigador de um entomologista. — Vejo à minha frente uma certa Mary Russell, batizada em honra da avó do lado do pai.

Fiquei surpreendida por um momento, mas depois levantei a mão e acariciei o antigo medalhão, com MMR gravado, que se esgueirara para fora por entre os botões da minha camisa. Acenei com a cabeça.

— Ela tem, vejamos, dezasseis anos? Quinze, talvez? Sim, quinze anos de idade e, apesar da juventude e do facto de não estar na escola, tenciona passar o exame de admissão à universidade. — Toquei o livro que tinha no bolso e confirmei com a cabeça. — É obviamente esquerdina e um dos pais era judeu... a mãe, creio? Sim, decididamente a mãe... e ela lê e escreve hebraico. De momento é dez centímetros mais baixa do que o pai americano... esse fato era dele? Tudo certo até agora? — perguntou, satisfeito consigo próprio.

Pensei furiosamente.

— O hebraico? — perguntei.

— As manchas de tinta nos seus dedos só podem vir de escrever da direita para a esquerda.

— Claro. — Olhei para a acumulação de manchas perto da unha esquerda. — Isso foi muito impressionante.

Ele pôs de parte o elogio com um movimento de mão.

— Jogos de salão. Mas os sotaques não são desprovidos de interesse. — Voltou a olhar-me, após o que se recostou com os cotovelos apoiados nos braços da cadeira, juntou as pontas dos dedos, pousou-as levemente nos lábios por um momento, fechou os olhos e falou.

— Os sotaques. Ela veio recentemente de casa do pai, no Oeste dos Estados Unidos, provavelmente no Norte da Califórnia. Os pais da mãe eram judeus *cockney* e a própria Menina Russell cresceu na periferia sueste de Londres. Mudou-se, como eu disse, para a Califórnia nos últimos, oh, dois anos. Diga a palavra «*martyr*», por favor. — Obedeci. — Sim, dois anos. Em alguma altura entre esse momento e dezembro ambos os pais morreram, muito possivelmente no mesmo acidente em que a Menina Russell esteve envolvida em setembro ou outubro passado, um acidente que lhe deixou tecido cicatricial na garganta, no couro cabeludo e na mão direita, uma fraqueza residual nessa mesma mão e uma ligeira rigidez no joelho esquerdo.

O jogo tinha deixado de repente de ser divertido. Fiquei imóvel, o coração sem bater enquanto escutava a fria e seca recitação da voz dele.

— Depois de recuperar foi enviada para casa, para junto da família da mãe, um parente avaro e insensível que a alimenta bastante menos do que ela precisa. Admito que isto — acrescentou como um parêntesis — é em grande medida conjectura, mas como hipótese de trabalho serve para explicar a sua constituição bem nutrida mas mal coberta com carne e a razão por que aparece à mesa de um desconhecido para consumir algo mais do que poderia consumir se fosse governada apenas pelas suas óbvias boas maneiras. Estou disposto a ter em conta uma explicação alternativa — ofereceu, e abriu os olhos e viu a minha cara. — Oh, céus. — A sua voz trazia uma estranha mistura de compaixão e irritação. — Já me tinham avisado sobre esta minha tendência. Peço desculpa por qualquer angústia que lhe possa ter causado.

Abanei a cabeça e estendi a mão para os restos frios na minha chávena. Era difícil falar com o nó na minha garganta.

O Sr. Holmes levantou-se e entrou em casa, onde ouvi a sua voz e a da governanta a trocar algumas frases ininteligíveis antes de ele regressar, trazendo dois copos delicados e uma garrafa aberta do mais claro dos vinhos. Despejou-o nos copos e entregou-me um deles, identificando-o como hidromel — seu, claro. Sentou-se e ambos beberricámos do odorífero licor. Em alguns minutos, o nó desvaneceu-se e eu voltei a ouvir os pássaros. Respirei fundo e deitei-lhe um relance.

— Há duzentos anos teria sido queimado na fogueira. — Estava a tentar usar um humor seco, mas não fui inteiramente bem-sucedida.

— Já me tinham dito isso antes de hoje — disse ele —, embora eu não possa dizer que alguma vez me tenha imaginado no papel de um bruxo a gargalhar por cima do seu caldeirão.

— Na verdade, o livro do Levítico apela não à queima, mas ao apedrejamento de um homem ou mulher que fale com os espíritos (*iōb*, um necromante ou médium), ou que seja um *yidōni*, do verbo «saber», uma pessoa que alcance conhecimento e poder sem ser pela graça do Senhor Deus de Israel, hum, bem, um feiticeiro. — A minha voz sumiu-se quando me apercebi de que ele estava a olhar-me com a apreensão normalmente reservada a desconhecidos balbuciantes no compartimento ferroviário em que viajamos, ou a conhecidos com paixões incompreensíveis e cansativas. A minha recitação tinha sido uma resposta automática, desencadeada pela introdução de um argumento teológico na nossa discussão. Fiz um ténue sorriso tranquilizador. Ele pigarreou.



— Hum, devo concluir? — perguntou.

— Como queira — disse eu com apreensão.

— Os pais desta jovem senhora estavam relativamente bem na vida, e a filha recebeu uma herança, o que, combinado com a sua assustadora inteligência, faz com que seja impossível a esse parente avarento dominá-la. Por conseguinte, vagueia pelos *downs* sem acompanhante e mantém-se no exterior até qualquer hora.

Parecia estar a aproximar-se de uma conclusão, pelo que eu organizei as ideias desfeitas.

— Tem muita razão, Senhor Holmes. Herdei, e a minha tia acha os meus atos contrários à sua ideia de como uma jovem senhora devia agir. E porque tem na mão as chaves da despensa e tenta comprar a minha obediência com comida, eu ocasionalmente como menos do que preferiria. Contudo, há duas pequenas falhas no seu raciocínio.

— Oh?

— Primeiro, eu não vim para o Sussex viver com a minha tia. A casa e a quinta pertenciam à minha mãe. Passávamos aqui os verões quando eu era pequena... alguns dos períodos mais felizes da minha vida... e quando fui mandada de volta para Inglaterra impus como condição para a aceitar como guardiã que vivêssemos aqui. Ela não tinha casa, portanto concordou com relutância. Embora continue a controlar as finanças durante mais seis anos, em bom rigor é *ela* que vive *comigo*, não eu com ela. — A outra pessoa podia ter escapado a aversão na minha voz, mas a ele não escapou. Afastei rapidamente o assunto antes de revelar mais sobre a minha vida. — Segundo, tenho estado a avaliar cuidadosamente o momento em que terei de partir para chegar a casa antes de escurecer, pelo que o tardio da hora não entra realmente nas contas. Terei de me despedir em breve, visto que ficará escuro dentro pouco mais que duas horas, e a minha casa fica três quilómetros a norte de onde nos encontramos.

— Menina Russell, pode levar o tempo de que precisar com a sua metade do nosso acordo — disse ele calmamente, deixando-me encerrar o tema anterior. — Um dos meus vizinhos subsidia a sua paixão por automóveis fornecendo aquilo a que insiste em chamar um serviço de táxi. A Senhora Hudson foi providenciar para que ele a leve de carro para casa. Pode descansar durante mais uma hora e um quarto antes de ele chegar para a levar para os braços da sua querida tia.

Baixei o olhar, perturbada.

— Senhor Holmes, temo que a minha mesada não seja choruda o

suficiente para permitir luxos desses. De facto, já gastei o dinheiro da semana no Virgílio.

— Menina Russell, eu sou um homem com fundos consideráveis e muito pouco em que os gastar. Permita-me, por favor, que me entregue a um capricho.

— Não, não posso fazer isso.

Ele olhou-me no rosto e cedeu.

— Então muito bem, proponho um compromisso. Pagarei esta e todas as despesas subsequentes da mesma espécie, mas como empréstimo. Suponho que a sua futura herança seja suficiente para absorver uma acumulação de somas como essa?

— Oh, sim. — Ri ao recordar vividamente a cena no escritório do advogado, com os olhos da minha tia a escurecerem de avidez. — Não haverá problema. — Ele deitou-me uma olhadela penetrante, hesitou, e falou com alguma delicadeza.

— Menina Russell, perdoe a intromissão, mas tendo a adotar uma visão algo sombria da natureza humana. Se me deixar inquirir sobre o seu testamento...? — Um leitor de mentes, com uma compreensão sólida das coisas básicas da vida. Fiz um sorriso amargo.

— No caso de eu morrer, a minha tia receberia apenas um montante anual adequado. Dificilmente seria mais do que recebe agora.

Ele pareceu aliviado.

— Estou a ver. Bom, relativamente ao empréstimo. Os seus pés sofrerão se insistir em vir a pé desde sua casa com esses sapatos. Pelo menos por hoje use o táxi. Até estou disposto a cobrar-lhe juros, se quiser.

Havia um ar estranho nesta última e irónica oferta, que noutra pessoa menos senhora de si podia ter-se aproximado de uma súplica. Ficámos a estudar-nos um ao outro, ali no jardim calmo ao fim da tarde, e ocorreu-me que ele podia ter achado aquele cãozinho ladrador uma companhia agradável. O que eu via na sua cara poderia até ser um princípio de afeto, e só Deus sabe como a alegria de encontrar uma mente tão rápida e organizada como a sua tinha começado a cantar em mim. Fazíamos um par estranho, uma rapariga desengonçada de óculos e um recluso alto e sardónico, abençoados ou amaldiçoados com mentes de brilho duro que afastavam todos menos os mais tenazes. Nunca me ocorreu que poderia não haver visitas subsequentes àquela casa. Falei, e aceitei a sua oblíqua oferta de amizade.

— Passar três ou quatro horas por dia em viagem deixa realmente pouco

tempo para outras coisas. Aceito a sua oferta de empréstimo. A Senhora Hudson mantém o registo?

— Ela é escrupulosamente cuidadosa com números, ao contrário de mim. Vá, beba outro copo do meu vinho e fale a Sherlock Holmes sobre ele.

— Quer dizer que acabou?

— Além das coisas óbvias como os sapatos e a leitura até tarde com luz inadequada, que tem poucos maus hábitos, embora o seu pai fumasse, e que, ao contrário da maioria dos americanos, ele preferia a qualidade à moda na roupa que usava... além das coisas óbvias não tenho mais nada a declarar de momento. É a sua vez de jogar. Mas, atenção, eu quero ouvir o que pensa, não o que apanhou do meu entusiástico amigo Watson.

— Tentarei evitar pedir emprestadas as incisivas observações dele — disse eu com secura —, se bem que não consiga impedir-me de perguntar a mim mesma se usar as histórias para escrever a sua biografia não se revelará uma espada de dois gumes. O certo é que as ilustrações são enganadoras; fazem-no parecer consideravelmente mais velho. Não sou muito boa a adivinhar idades, mas não parece ter muito mais que, o quê, cinquenta anos? Oh, desculpe. Algumas pessoas não gostam de falar da idade.

— Tenho agora cinquenta e quatro anos. O Conan Doyle e os seus cúmplices no *The Strand* decidiram tornar-me mais digno exagerando a minha idade. A juventude não inspira confiança, na vida ou nas histórias, como eu descobri, para minha irritação, quando estabeleci residência em Baker Street. Ainda não tinha vinte e um anos, e a princípio os casos foram escassos e muito espaçados. Já agora, espero que não ganhe o hábito de adivinhar. A adivinhação é uma fraqueza trazida pela indolência e nunca deverá ser confundida com a intuição.

— Manterei isso em mente — disse eu, e estendi a mão para o copo para beber um gole de vinho enquanto pensava no que tinha visto na sala. Juntei as palavras com cuidado. — Para começar: vem de um meio moderadamente abastado, embora a sua relação com os seus pais não tenha sido inteiramente feliz. Interroga-se até hoje sobre eles e tenta aceitar essa parte do seu passado. — Perante a sua sobancelha erguida, expliquei: — Foi por isso que manteve a muito manuseada fotografia formal da sua família na estante perto da sua cadeira, ligeiramente escondida de outros olhos por livros, em vez de a pendurar abertamente na parede e os esquecer. — Ah, que doce foi o prazer de ver a expressão de admiração espalhar-se pela cara dele e ouvir a frase que murmurou:

— Muito bem, muito bem mesmo.

Foi como voltar para casa.

— Poderia acrescentar que isso explica por que motivo nunca falou ao Doutor Watson sobre a sua infância, uma vez que alguém tão sólido e com uma família tão manifestamente normal teria sem dúvida dificuldade em entender os fardos especiais de uma mente dotada. No entanto, isso seria usar as palavras dele, ou melhor, a sua falta, pelo que não conta. Sem ser demasiado intrometida, arrisco-me a dizer que isso contribuiu para a sua decisão precoce de se distanciar das mulheres, pois suspeito que alguém como o senhor consideraria impossível ter uma relação com uma mulher que não fosse totalmente abrangente, uma relação que integrasse por completo todas as partes das vossas vidas, ao contrário da parceria desigual e algo extravagante que tem tido com o Doutor Watson. — A expressão na cara dele era indescritível, oscilando entre o divertimento e a afronta, com um toque de ira e outro de exasperação. Por fim estabilizou na ironia. Senti-me consideravelmente melhor com a mágoa acidental que ele me causara e prossegui.

»No entanto, como disse, não pretendo intrometer-me na sua privacidade. Foi necessário falar do passado, pois ele contribui para o presente. Está aqui para escapar à desagradável sensação de estar rodeado por mentes inferiores, mentes que nunca conseguem compreender, simplesmente porque não são construídas dessa forma. Optou por uma aposentação notavelmente prematura há doze anos, aparentemente a fim de estudar a perfeição e unidade das abelhas e trabalhar na sua *magnum opus* sobre deteção. Vejo pela estante que está junto da sua mesa de trabalho que até à data completou sete volumes, e deduzo, com base nas caixas de notas por baixo dos livros completos, que há pelo menos um número igual ainda por escrever. — Ele confirmou com a cabeça e serviu mais vinho a ambos. A garrafa estava quase vazia.

»Entre si e o Doutor Watson, no entanto, deixou-me com pouco para deduzir. Dificilmente poderia partir do princípio de que deixaria para trás as suas experiências químicas, por exemplo, ainda que o estado dos seus punhos indique que esteve ativo recentemente: essas queimaduras de ácido são demasiado frescas para terem desfiado muito nas lavagens. Os seus dedos mostram que já não fuma cigarros, embora seja óbvio que o cachimbo é usado com frequência, e os calos nas pontas dos seus dedos indicam que continuou a dedicar-se ao violino. Parece tão pouco preocupado com picadas de abelhas como está com as finanças e a jardinagem, pois a sua pele mostra sinais de picadas tanto antigas como novas, e a sua flexibilidade

indica que as teorias sobre as picadas de abelhas servirem como terapia para o reumatismo têm uma certa base. Ou será artrite?

— Reumatismo, no meu caso.

— E também julgo possível que não tenha abdicado inteiramente da sua antiga vida, ou talvez que ela não tenha abdicado inteiramente de si. Vejo uma vaga área de pele pálida no seu queixo, que mostra que em alguma altura no verão passado teve uma pera, rapada depois. Ainda não houve sol suficiente para apagar a linha por completo. Como normalmente não usa barba e, na minha opinião, teria um aspeto desagradável com ela, parto do princípio de que foi com o objetivo de se disfarçar, num papel que durou alguns meses. Provavelmente teve que ver com as fases iniciais da guerra. Atrever-me-ia a dizer que a espiar contra o Kaiser.

A cara dele ficou vazia e estudou-me durante um longo minuto sem qualquer vestígio de expressão. Reprimi um sorriso inseguro. Por fim, ele falou.

— Eu pedi isto, não pedi? Está familiarizada com o trabalho do Doutor Sigmund Freud?

— Sim, embora ache o trabalho da geração seguinte, por assim dizer, mais útil. O Freud está demasiado obcecado com o comportamento excepcional: uma ajuda para trabalho como o seu, talvez, mas não muito útil para um generalista.

Houve uma súbita agitação no canteiro das flores. Dois gatos cor de laranja precipitaram-se para fora dele e correram pelo relvado, indo desaparecer pela abertura no muro do jardim. O olhar dele seguiu os gatos e depois pôs-se a semicerrar os olhos na direção do sol baixo.

— Há vinte anos — murmurou. — Ou até dez. Mas aqui? Agora? — Abanou a cabeça e voltou a concentrar-se em mim. — O que vai estudar na universidade?

Sorri. Não consegui evitar; sabia precisamente como ele ia reagir e sorrir, antecipando a sua consternação.

— Teologia.

A reação dele foi tão violenta como eu sabia que iria ser, mas se eu tinha alguma certeza na vida, era essa. Demos um passeio pelo crepúsculo até às falésias e eu observei o mar enquanto ele se debatia com a ideia, e quando regressámos já ele decidira que teologia não era pior do que qualquer outra coisa, embora a considerasse um desperdício, o que não deixou por dizer. Não respondi.

O automóvel chegou pouco depois e a Sra. Hudson saiu de casa para

o pagar. Holmes explicou o nosso acordo, o que a divertiu, e ela prometeu tomar nota dele.

— Tenho uma experiência para concluir esta noite, pelo que tem de me perdoar — disse, embora não fossem necessárias muitas visitas para eu saber que ele não gostava de se despedir. Estendi a mão e quase a puxei para trás quando ele a ergueu até aos lábios em vez de a apertar como tinha feito antes. Agarrou-se a ela, roçou com ela nos seus lábios frios e soltou-a.

— Por favor, venha visitar-nos sempre que quiser. A propósito, temos linha telefónica. Mas pergunte à telefonista pela Senhora Hudson; as boas senhoras às vezes decidem proteger-me fingindo ignorância, mas normalmente deixam passar as chamadas para ela. — Com um aceno de cabeça começou a virar-se, mas eu interrompi a sua saída.

— Senhor Holmes — disse, sentindo-me a ficar cor-de-rosa —, posso fazer-lhe uma pergunta?

— Com certeza, Menina Russell.

— Como é que acaba *O Vale do Medo*? — soltei precipitadamente.

— O *quê*? — Ele parecia atónito.

— *O Vale do Medo*. No *The Strand*. Detesto essas séries, e no próximo mês chega ao fim, mas estava aqui a perguntar a mim mesma se me podia dizer, bem, como as coisas ficam.

— Essa é uma das histórias do Watson, suponho?

— Claro. É o caso de Birlstone e dos Scowrers e do John McMurdo e do professor Moriarty e...

— Sim, creio que consigo identificar o caso, embora tenha perguntado frequentemente a mim próprio por que motivo, se o Conan Doyle tanto gosta de pseudónimos, não os podia ter dado também ao Watson e a mim.

— Então como acaba?

— Não faço a mais pequena ideia. Teria de perguntar ao Watson.

— Mas certamente sabe como o caso terminou — disse eu, espantada.

— O caso, com certeza. Mas não posso nem começar a adivinhar o que o Watson fez dele, exceto que terá de haver sangue e paixão e apertos secretos de mão. Oh, e alguma espécie de interesse sentimental. Eu deduzo, Menina Russell; o Watson transforma. Boa tarde. — E voltou para dentro de casa.

A Sra. Hudson, que tinha ficado a ouvir a conversa, não fez comentários, limitando-se a enfiar-me um embrulho nas mãos, «para a viagem de regresso», embora, ajuizando pelo peso, a ingestão fosse demorar mais tempo do que a condução, mesmo se eu achasse espaço interior para a levar

a cabo. Contudo, se conseguisse entrar com o embrulho em casa sem que a minha tia o visse seria um suplemento bem-vindo para as minhas rações. Agradei-lhe calorosamente.

— Obrigada por vir até cá, querida menina — disse ela. — Há nele mais vida do que eu vi em muitos meses. Volte, por favor. E em breve, sim?

Prometi que o faria e subi para o carro. O condutor deu a volta num estertor de gravilha, e assim começou a minha longa associação com o Sr. Sherlock Holmes.

\*

CONSIDERO NECESSÁRIO INTERROMPER A MINHA NARRATIVA E DIZER ALGUMAS PALAVRAS A RESPEITO DE UM INDIVÍDUO QUE GOSTARIA DE OMITIR POR INTEIRO. Parece-me, contudo, que a sua total ausência lhe concede uma ênfase indevida pelo vácuo que cria. Falo da minha tia.

Ao longo de pouco menos de sete anos, desde a altura em que os meus pais foram mortos até ao meu vigésimo primeiro aniversário, ela viveu na minha casa, gastou o meu dinheiro, geriu a minha vida, limitou a minha liberdade e deu o seu pior para me controlar. Por duas vezes, durante esse tempo, eu tive de apelar aos executores do património dos meus pais, e de ambas as vezes ganhei tanto o meu caso como a sua vingativa animosidade. Não sei ao certo quanto do dinheiro dos meus pais ela me tirou, mas sei que comprou uma casa geminada em Londres depois de me deixar, apesar de ter vindo ter comigo quase sem vintém. Fiz-lhe saber que considerava a casa pagamento pelos seus anos de serviço e larguei o assunto. Não fui ao seu funeral, alguns anos mais tarde, e tratei de que a casa fosse para um primo pobre.

Acima de tudo ignorei-a enquanto ela viveu comigo, o que a enlouquecia ainda mais. Ela era, julgo, dotada o suficiente para reconhecer nos outros grandeza, mas em vez de se rejubilar generosamente tentava reduzir ao seu nível quem lhe era superior. Uma pessoa doentia, muito triste, na verdade, mas a simpatia que eu pudesse sentir por ela foi-me roubada pelos seus atos. Por conseguinte, vou continuar a ignorá-la deixando-a fora do meu relato sempre que possível. É a minha vingança.

Foi só na minha associação com Holmes que a sua interferência me perturbou. Nas semanas seguintes tornou-se evidente que eu tinha encontrado algo a que dava valor e, o que aos seus olhos era pior, me oferecia uma vida e uma liberdade longe dela. Usei liberalmente os meus privilégios de

empréstimo com a Sra. Hudson e já tinha acumulado uma dívida considerável quando atingi a maioridade. (Aliás, o meu primeiro ato no escritório do advogado foi passar um cheque no valor que devia à casa de Holmes, com mais cinco por cento para a Sra. Hudson. Não sei se ela deu o dinheiro à caridade ou ao jardineiro, mas aceitou-o. Ao fim de algum tempo.)

A principal arma da minha tia contra as horas que eu passava com Holmes era a ameaça de suscitar falatório e boatos na comunidade, o que até eu tinha de admitir que teria sido inconveniente. Isto vinha a lume mais ou menos uma vez por ano, ameaças subtis davam lugar a ameaças claras, até que eu tinha finalmente de contra-atacar, geralmente através de chantagem ou suborno. Uma vez fui forçada a pedir a Holmes para fornecer provas de que ainda era demasiado respeitado, apesar de estar alegadamente reformado há mais de uma década, para que algum funcionário acreditasse nos seus baixos mexericos. A carta que lhe chegou, e em especial o endereço de onde foi enviada, silenciou-a durante dezasseis meses. Toda a campanha chegou ao seu desenlace quando eu propus acompanhar Holmes ao continente durante seis semanas. Teria sido muito provável que ela tivesse tido sucesso, se não em evitar a minha ida, pelo menos em atrasar-me de forma inconveniente. Contudo, por essa altura já eu tinha encontrado a sua conta bancária, e não tive mais problemas com ela até ao meu vigésimo primeiro aniversário.

E quanto à única irmã da minha mãe estamos conversados. Vou deixá-la aqui, frustrada e anónima, e espero que ela não volte a intrometer-se na minha narrativa.